



## Cozinhas solidárias e o inadiável na cidade

Jornal da Universidade / 20 de junho de 2024 / Artigo

**Artigo | Daniele Caron, Ana Cabral Rodrigues e Rodrigo Schames Isoppo refletem sobre o papel territorial e político desses espaços coletivos de convergência social**

*Que as coisas continuem assim, eis a catástrofe.*  
Walter Benjamin

\*Por Daniele Caron, Ana Cabral Rodrigues e Rodrigo Schames Isoppo

\*Ilustração: Gugu Lacerda/ Programa de Extensão Histórias e Práticas Artísticas, DAV-IAU/UFRGS

A compreensão acerca dos episódios de devastação provocados pela alteração climática, cada vez maiores, frequentes e incontornáveis na vida da população é tomada aqui, conforme Malcom Ferdinand (2023), “como resultado de certas maneiras de habitar a terra, de construções sociais, de modelos econômicos e de escolhas políticas aumentando desigualdades e exacerbando as relações de poder”.

O que se testemunha hoje no Rio Grande do Sul, como crise humanitária de maior dimensão já registrada decorrente de chuvas e alagamentos, expõe a perplexidade de um sistema diante de um colapso generalizado, no qual o poder público demonstra letargia e insuficiência, agravado pela isenção voluntária nos cuidados preventivos. Enquanto isso, o compromisso com a sobrevivência cai no colo dos mais atingidos, compelidos a reagir à precarização das condições de vida munidos de suas próprias ferramentas. Neste contexto, iniciativas comunitárias ganharam destaque na cidade, acolhendo de forma concreta e articulada o que da vida urge como mais inadiável – é o caso das cozinhas solidárias, aqui compreendidas como espaços de convergência social.

Essas cozinhas de base comunitária têm sido uma importante âncora emergencial, dando suporte diário de alimentação em redes vinculadas a outras necessidades urgentes de grupos em vulnerabilidade e risco social. Além desse inadiável cotidiano sobre o qual as cozinhas atuam neste cenário crítico, são elas equipamentos urbanos que historicamente sustentam caminhos para uma mudança também inadiável nos modos como habitamos a terra, diante da iminente “queda do céu” (Kopenawa, 2010).

As cozinhas são suporte e organização espacial; são agenciadoras de vizinhança e de novas territorialidades fundamentais a uma mudança de paradigma que passa pela compreensão da comunidade como modo de fazer mundo com as diferenças. Muitas dessas cozinhas estão diretamente ligadas às lutas urbanas já consolidadas, sobretudo aos movimentos pelo direito à moradia e à terra, operando como organizadoras das comunidades para recebimento de auxílios governamentais, tais como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) (artigo 19 da Lei n.º 10.696, de 02/07/2003), que visa promover o acesso à alimentação e incentivar a agricultura familiar.

*Diante disso, e desde uma responsabilidade ética que toca às universidades públicas, propomos ecoar e dar visibilidade a esses agenciamentos coletivos nas margens do urbano, reivindicando sua inscrição nas estratégias de recuperação do território como fontes legítimas de saber e diálogo indispensáveis à atualidade do planejamento urbano.*

Um contraponto à cultura institucional cada vez mais aliada à iniciativa privada que, por negligenciar historicamente o valor dessas existências, recorre suas decisões aos mesmos interesses particulares que contribuíram para essa conjuntura insustentável. Ou mesmo, um contraponto às narrativas tão comuns quanto perniciosas que dão visibilidade a esses movimentos como exemplos de superação e iniciativas individualizadas, desprovidas de redes e lastros de histórias.

Destacamos a margem não somente porque ali se expressa com evidência a precarização promovida pela ordem neoliberal e capitalista; mas porque é ali, nessas bordas indisciplinadas em relação ao controle e à padronização monocultora da vida biológica e social, onde se manifesta uma força de reinvenção pautada por ancestralidades que miram o porvir. É nas margens urbanas, sobretudo, onde encontramos importantes sentidos de comunidade e a partir de onde se pode ver, com mais clareza, o amontoado de ruínas que se tornou a cidade pautada pelo paradigma eurocêntrico. É nessa encruzilhada de saberes da margem, que responde tática e cotidianamente às situações mais adversas, onde se proliferam as cozinhas solidárias no território urbano.

Mesmo com estruturas provisórias, as cozinhas atuam na convergência de ações culturais, educativas e de saúde, além de serem centros importantes para informação sobre a situação do estado do RS e das cidades atingidas. A troca de saberes e a ação coletiva e comunitária nesses espaços podem ser uma referência importante para assentamentos de grupos que não possam retornar ao seu território original, contribuindo na manutenção e formação de novas redes comunitárias. Algo que parece ainda alheio ao poder público nas propostas de construção de “cidades provisórias”, iniciativa que busca alocar grupos sociais de diferentes origens territoriais em determinadas macro-estruturas sem qualquer dignidade ou esteio nos laços comunitários.

A presença das cozinhas solidárias, populares e comunitárias é significativa: registram-se 423 no estado, sendo 138 apenas em Porto Alegre, conforme dados do governo (2023). Neles, porém, não constam ainda as cozinhas emergenciais que iniciaram seus trabalhos nestas mesmas cozinhas ou em outros territórios a partir dos primeiros dias das enchentes.

*É essencial que o poder público municipal coloque em prática o Programa Cozinha Solidária (Lei nº14.628/2023 e Decreto nº 11.937/2024), reconhecendo e fortalecendo as cozinhas solidárias como tecnologia social de combate à fome que potencializa a organização social e territorial e a autodeterminação dos povos. Isso requer investimentos em suas estruturas físicas e sanitárias, além da articulação desses espaços de convergência social com políticas de moradia atentas ao uso de imóveis vazios que não cumprem sua função social.*

O reconhecimento das cozinhas como insumos matriciais para o planejamento urbano, sobretudo neste horizonte de reconfiguração das cidades a partir da realidade climática que nos atravessa, aciona saberes ancestrais, técnicos e populares comprometidos com a luta contra a segregação social e desprezo ecológico acentuados pela lógica neoliberal. Espaços de convergência social como as cozinhas solidárias existem e seguem atestando eficácia e potência, contudo exigem escuta para saírem de uma invisibilidade política.

Este texto resulta do projeto de extensão “Espaços de convergência social e comunitária”, que integra o programa “Reconstrução e adaptação dos municípios do RS no contexto da crise climática: ações da Faculdade de Arquitetura” da UFRGS e objetiva cartografar as cozinhas solidárias, populares, comunitárias e emergenciais ligadas a movimentos sociais de Porto Alegre e apoiar sua efetivação como equipamento urbano de convergência social e comunitária.

**Daniele Caron** é professora e pesquisadora da Faculdade de Arquitetura e do Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional (PROPUR/UFRGS) e coordenadora do Margem\_laboratório de narrativas urbanas (CNPq/PROPUR/UFRGS).

**Ana Cabral Rodrigues** é professora e pesquisadora do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Psicologia (PPGpsi/UFRGS) e pós-doutoranda junto ao Margem\_laboratório de narrativas urbanas (CNPq/PROPUR/UFRGS).

**Rodrigo Schames Isoppo** é doutor em Psicologia Social e Institucional (PPGpsi/UFRGS) e pesquisador do Margem\_laboratório de narrativas urbanas (CNPq/PROPUR/UFRGS).

*“As manifestações expressas neste veículo não representam obrigatoriamente o posicionamento da UFRGS como um todo.”*

### Posts relacionados



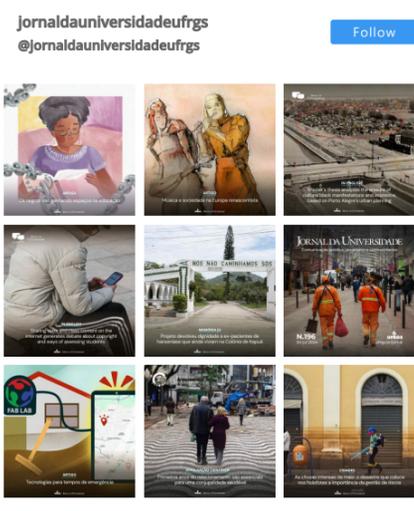
Rap, ródos e risos: a comunidade afetada da EPA no enfrentamento à crise

O sistema de proteção contra inundações de Porto Alegre

Para repensar a infraestrutura urbana

A periferia precisa comer: as Cozinhas Solidárias em tempos de emergência climática

### INSTAGRAM



[View on Instagram](#)

### REALIZAÇÃO



### CONTATO

Jornal da Universidade  
Secretaria de Comunicação Social/UFRGS  
Av. Paulo Gama, 110 | Reitoria – 8. andar | Câmpus Centro | Bairro Farroupilha | Porto Alegre | Rio Grande do Sul | CEP: 90040-060  
(51) 3308.3368  
jornal@ufrgs.br